CONTO E RECONTO

Felipe Lopes

Editora Versos em Cantos

CONTO E RECONTO

Felipe Lopes

Versos em Cantos

Capa: Felipe Lopes
Revisão: Rita Rodrigues
Diagramação: Felipe Lopes

L864c Lopes, Felipe, 1991 -
Conto e reconto / Felipe Lopes. 2 ed. São Paulo: Versos em cantos, 2019.
122 p.

ISBN: 978-85-93770-71-5

1 – Literatura brasileira. 2 – Contos brasileiros.
I – Título.

CDD: B869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Editora: Versos em Cantos
2ª Edição
2019

ISBN: 978-85-93770-71-5

Para Josélia e Gilmar, por terem me dado a vida.

Para Leonardo, meu irmão, por ter me apresentado ao mundo da literatura.

Para o Coletivo PAPO, por ter ouvido em primeira mão e ter dado comentários valiosos.

Para Rita, por tudo.

Índice

Recontos

Cachos Desourados.....09
A cidade dos patos.....15
Isabela.....23
A hora da formiga.....31
Uma alma pequena.....37
Fera.....51
O feijão e as nuvens.....55
A princesa na ilha.....61

Contos

Desencontros.....73
O milagre.....77
O mundo perdido.....81
Avarildo e o ouro.....87
Corpus.....93
Da literatura.....101
O rio.....117

RECONTOS

Cachos Desourados

Uma vez eu vi, e era, uma menina, de cachos enormes. Ela entrava em finais de infância, era semi-adolescente. Negra, linda de doer. Passava o dia todo brincando em casa. A mãe, que cuidava dela, deixava-a fazer de tudo, de modo que se tornou uma menina de boa vida. Era faladeira e tinha resposta pra tudo. Poucos conseguiam desargumentá-la. A vida era agradável, enquanto era.

Mas deu-se que a mãe adoeceu e veio a partir dessa pra de cima. Foi um Deus-me-ajude. Todos choravam e lembravam das cenas boas da vida da mulher, mas ninguém chorava mais do que a menina, escondida nos cachos. Ela era só lágrimas. Procuraram o pai, já sumido

no mundo, e não acharam nem indícios de pistas. Era um fugitivo profissional.

Decidiram que ela ficaria com os padrinhos, família estruturada, de bem. Era o pai, grandigordo, a mãe, magribaixa, e o filhinho, pouco mais novo que ela. Moravam numa grande cidade, que parecia uma floresta de cinzas e concreto. Ela fora apadrinhada porque eles tinham dinheiro pra comprar brinquedos, e os agradinhos todos. Mas na verdade só a viram duas-três vezes, na casa de conhecidos em comum, descombinados. Eles esqueciam-se da menina de quando em quando. E só lembravam quando alguém perguntava dela.

Ela foi, instalou-se no quarto todo azulzinho. Levou seus pertences de vestir e de brincar numa trouxa, e acomodou dentro do guarda-roupa, diante do nariz torcido do menino.

– Mas o quarto é meu! – exigia ele, já em caminho de fazer birra. Estavam todos sentados na mesa para tomar um mingau.

– Sim, ele é seu, mas você deixará sua nova coleguinha dormir nele – determinou o pai e dirigiu-se

para a mãe. – Ela pode ajudar você a cuidar da casa, né, querida?

Na casa da mãe, a menina nunca lavara um prato. Limpava o chão só quando ia roubar biscoitos à noite e, sem querer, deixava cair algum, que desfarelava. Ela olhava o mingau, sem comer. Gostava de tudo perfeitinho.

– Está muito frio, meu mingau – ela disse. Os outros da mesa se contraolharam e não esboçaram palavra. A mãe pegou a tigela e colocou no micro-ondas. Quando o mingau voltou à mesa, estava fervilhando, de queimar a língua.

A menina não falou nada. Ficou girando a colher até o mingau esfriar um pouco, numa temperatura comível. Na mesa discutiam que não poderiam mandar a menina pra mesma escola do filho, pois era muito caro, impossível, ficaria na escola pública mesmo.

Nas manhãs seguintes, ela acordava cedo pra ajudar a cuidar do café. Se treinava pra casar. Lavava roupa, varria a casa, tudo conforme o esperado de uma moça prendada. Ela queria mais tempo para fazer a lição, ou para ler aquelas histórias que pegava na biblioteca da escola, pois ficava muito cansada durante o dia.

O Menino não gostava muito de brincar com ela. Nem gostava de deixá-la a sós com seus brinquedos. E foi o fim do mundo quando ela, por descuido, sentou na sua cadeirinha preferida e quebrou, pois era mais pesada do que o suportável. O garoto fez o auê, deixou de comer e gritou até conseguir o que queria: a menina fora do seu quarto. Ela passou a dormir na sala, no maior sofá.

Um dia, enquanto o pai trabalhava, o menino e a mãe foram na festa de um colega da escola. A menina não quis ir e ninguém contestou. Como ato de rebeldia desmedida, entrou no quarto azul e brincou com os brinquedos todos, até acabar-se a energia, e adormeceu na cama pequenina.

O pai chegou, jogou a pasta no sofá e percorreu os cômodos da casa. Encontrou a menina sozinha adormecida, emanando inocência. O sono é um ensaio de paraíso. Na porta do quarto o homem a olhava, com uma risada repleta de malignos. Aproximou-se e apalpou, com sua mão grande e peluda, o corpo da menina, que acordou desacreditante. Levou um susto, e encostou-se sentada na cabeceira, olhos arregalados. Ele avançou pra cima dela,

bestialmente, tentou agarrá-la, como um urso. Fez-se luta, agarra e desagarra, urros e gritos.

A menina conseguiu fugir, saiu correndo pela rua ofegante e arranhada. Sentiu-se vitoriosa. As garras eram mais fortes que ela, mesmo assim conseguiu fugir. Só via a rua em sua frente, cheia de travessas. No caminho, sentia-se um animal humano que venceu a fera. Passou o susto. E mesmo não sendo pra sempre, estava feliz.

A cidade dos patos

Sebastião era homem singular. De um tipo nuca visto ali naquela cidadezinha do fim do mundo, com nem mil habitantes. Era um homem que não se encaixava, e orgulhava-se disso. Era um sussurro da cidade querendo ser outra coisa, só um pouco. Conto-lhe a estória da história. Caso acontecido no começo do século passado.

Sebastião era filho do velho Zacarias, o padeiro. Padeiro é como se diz, porque pão não fazia. Era dono da padaria, a única da cidade, e ninguém queria com ele competir. Deixava a administração toda na mão de seu amigo Ganâncio, conhecidos desde a longínqua infância. Zacarias era cheio do dinheiro, talvez o mais rico dali, e não tinha dó de gastar. Passava o dia todo jogando cartas

na praça central da cidade, que tinha formato de círculo e dava de frente à igreja. Já a mãe ficava em casa cuidando do menino com toda a atenção do mundo.

Quando adolescente, o pai mandou estudar na Europa, e passaram-se anos. A cidade soube, então, que ele tinha decidido encaminhar os estudos para o lado das artes. “Achei que fosse ser engenheiro, ou homem do direito” falava o povo. “Arte dá dinheiro?” perguntavam-se. Ele se formava nas vanguardas, mas no fundo sempre foi um romântico. Era um alvoroço a chegada, todo fim de ano. Multidão, a querer conversar com ele. Contava, todo descrevente, as exposições de arte, as óperas, as dissonâncias e todas as mil poesias do futuro. O povo fazia que entendia, mas não, como se tudo aquilo viesse de alguma lua de júpiter, mundo extra-atmosférico.

Quando ele contava vinte e dois anos, se não me engano, aconteceu de desabar o mundo. Ganâncio fugiu com todo dinheiro de seu pai. E o pouco que sobrou foi perdido no jogo e na cachaça misturada com desgosto. Sebastião não podia mais estudar na Europa, e veio à cidade cuidar dos pais. Ficou sabendo que teria que trabalhar, pois os pais já não estavam mais em condições.

Começou, então, a pintar quadros. Fazia vários e vários, e colocava-os em frente a casa dos pais para os passantes comprarem. Via-se que alguns grupos de curiosos paravam e sussurravam frente aos quadros, desentendendo. Mas que tipo de pintura era aquela? Um deles, que o viu saindo para colocar mais um quadro lá fora, perguntou:

– Sebastião, isso aqui é uma mulher, não é não? – Franzia a testa, observante.

– Sim.

– E ela está de frente ou de lado?

– Os dois, ora. – e saiu, achando que tinha respondido.

O grupo continuou olhando curioso, sob cochichos. Depois deram gargalhadas e saíram andando. A cidade inteira ria do trabalho de Sebastião. Os que compravam, poucos, o faziam porque queriam ajudar, afinal os pais dele também dependiam daquilo. Achavam que o artista tinha perdido alguns parafusos na Europa.

Uma senhora foi pedir que ele fizesse um retrato dela e da filha, mas ele enfureceu-se: “Que diabos! Estão achando que sou retratista agora? Se quer copiador, pegue

um qualquer na rua pra pintar sua cara feia!". A senhora saiu cheia de raiva. Não havia o um-qualquer que fizesse retratos na cidade, então a senhora se contentou em não tê-los.

Ele só pintava o que queria, dizia que era nascido com gênio para alt'arte, mas incompreendido. Para ele arte era apenas o que vinha do mais profundo da sua individualidade. Sentia-se cisne em um ninho de patos. Com o passar do tempo, a frente da casa ia se enchendo de quadros não-comprados. A cidade deixou de ver graça naquelas abstracionices.

Era uma casa onde nunca se esperava ver faltar o pão. Pelo insucesso da venda dos quadros, Sebastião pegou seu violino e foi para a praça tocar. A música até que era bela, mas o povo sempre preferia ouvir o choro e a modinha tocada pelo João da-Viola em seu violão antigo. Como ele ficava lá quase o dia todo, todo dia, acompanhado de sua cartola francesa, sempre ganhava um trocado. Assim conseguiu sustentar sua família humildemente.

O prefeito tinha dó do pobre e lhe deu um emprego na secretaria da prefeitura, de modo que faria apenas

escrever relatórios. No começo ele não queria, pensava em ganhar a vida com sua arte. Entretanto, como viu que isso não era possível ali, aceitou.

Passou o resto da vida reclamando que não tinha tempo suficiente pra se dedicar a sua arte. Papéis, papéis, sempre os mesmos papéis o exigiam. Mas não saía do emprego, claro. Agora, só ia para a praça tocar violino quando criava uma nova melodia e desejava compartilhar. Os quadros ficavam em casa, que ia se tornando um ateliê. Alguns mandava para os amigos que fazia quando ia pra cidade grande.

Na cidadezinha continuava a ser motivo de risada. Era uma mistura de doido e palhaço. Uma vez ele fez uma exposição, com a preparação toda cheia de segredos, e a cidade ansiosa para saber o que vinha dessa vez. Na hora descobriram que ele havia pintado as paredes da casa de preto, e havia decorado com quadros. Todos chapados, apenas com a cor aparecendo. Branco, branco, todos brancos! Foi um rir generalizado. As pessoas iam embora sem nem ter visto todos os quadros. “São brancos diferentes!” gritava ele para os que iam. Haviam títulos,

como “Neve natalina”, “absolutamente branco”, em todos os quadros, 46 no total.

Foi uma zoação quase insuportável. Os colegas de trabalho não deixavam nunca em paz. “Qual dos tons de branco é a sua camisa hoje, ein? Branco cocô de pombo?” Os todos se acabavam na risada. “Sebastião, olha esse leite aqui pra mim, é branco azedo ou branco tomável?” Ele ficava quieto, secretamente se achando superior a todo mundo. Coitados, não tem cultura, são um bando de trogloditas, bárbaros.

Os anos se passaram, morreu o pai, a mãe. No final da vida ele já desanimado vivia repetindo pra si “não sou nada, nunca serei nada, não posso querer ser nada” toda hora. Ele tivera, em si, todos os sonhos do mundo, mas só era visto como palhaço. Por fim adoeceu, morreu.

Por ocasião da sua morte, um dos seus amigos da cidade grande viajou para seu enterro. “É uma grande perda, sua arte não era tudo isso, mas tinha lá o seu valor” Falou, e foi ouvido como decreto. A cidade entendeu que estava em dívida com o falecido. Ele tinha dado de si o mais sincero. Nem mulher teve, pois as moças tinham medo de ser motivo de riso. Ele vivera só. No mais

profundo ele mesmo. Todos agora abaixavam a cabeça. Era pato ou cisne?

O prefeito mandou um grupo de funcionários da prefeitura transformar a casa de Sebastião em um museu. O único ponto turístico daquele lugar. Hoje a obra dele, pintura, música, e até uns diários com poemas, é estudada nos livros de arte da escola. Todos conhecem ao menos vinte dos seus tons de branco. Também foi feita uma estátua, tocando violino, e colocada lá na praça central, onde antes tocava de verdade.

Mas até hoje na cidade se prefere chorinhos em viola brasileira.

Isabela

Eu era amiga dos dois, colegas de trabalho. Trabalhávamos, todos, em um escritório. Nesses onde só se vê os funcionários e papéis amontanhados. Éramos um grupo de vinte-e-tantas pessoas, presas ali no cotidiano. Ela, Isabela, era uma menina que se escondia. Vivia na maior timidez, todo medo de ser vista. Nunca falava em público e aceitava as ordens com uma obediência de quem não tem mais pra onde ir. Era grata por ter emprego, mesmo um desses, de salário-mínimo. Ele, Ícaro, também era de poucas palavras e não se apresentava muito. Porém não ligava muito para o emprego, desejava um mundo muito maior do que tinha. Estudava filosofia, era músico e desenhista, passava o tempo todo lendo livros sobre artes

e humanidades. Às vezes eu achava que ele não conversava impedido por timidez, outras vezes achava que ele não conversava por que não queria se contaminar com nossas mentes menores.

Por reformulação no *layout* do escritório, as mesas todas mudaram de lugar. Assim, Ícaro e Isabela ficaram trabalhando frente-a-frente. Um olhar mais fugitivo que o outro. Ela se escondia por trás de florestas espinhentas, enquanto ele desenhava bravos cavaleiros. No castelo onde ela vivia e estava adormecida há cem anos, algo despertava. Despertava o que não havia; vazios. Começaram a ter pequenas conversas anedóticas, coisas de trabalho, e às vezes dali saíam sorrisos. De vez em quando saíam juntos.

Chegou o dia em que fiquei espantada. Verdade. Todos nós. Estávamos todos trabalhando quando os vimos digitando com uma mão só. Estavam de mãos dadas, em um entrelaçamento sereno. As faces mostravam uma seriedade, estavam ambos concentrados em cumprir. No profundo de si, estavam lutando pra não voltar atrás. Entendemos: aquela era uma declaração de enamoramento. Não precisamos perguntar, as mãos

declaravam e os olhos confirmavam. Todos sorriam pra eles, e com isso sentiam o mundo menos pesado.

No que se segue, eles passavam o tempo todo juntos, da hora que chegavam à hora que iam embora. Eu me perguntava se não iriam enjoar assim, talvez. Todo dia de manhã ela chegava mais cedo e enfeitava a mesa dele com cartinhas perfumadas, declarantes de um amor mais que tudo no mundo. Ele contava belas histórias, de Tristão e Isolda a Simão e Teresa. Eles tinham as bênçãos das fadas, haja suspiros. Ele apresentava o mundo das artes, das letras e da filosofia, tudo bagunçado na cabeça dele, e ela aceitava tudo sem questionar. Ela o idolatrava.

Acabei virando a melhor amiga do casal, conselheira e terapeuta, pois nenhum deles tinha experiência com relacionamentos. Ele nunca foi muito sortudo com mulheres. Ela nunca fora escolhida, aguardava ansiosamente o dia. Já se apaixonara muitas vezes, metade por personagens de filmes, e a outra metade ficava esperando o destino acontecer. Não podia ir atrás dos homens, não é coisa de mulher decente. Ela me contou que Ícaro era seu primeiro namorado, e que deveria ser o único, pois sua mãe só teve um homem durante toda sua

vida. Ela tinha certeza que se casaria com ele, ele é perfeito. Ele a deixou com borboletas no estômago. A tirara de um estágio de quase morte para reviver em um mundo de alegria, beleza e encanto. Ela me disse, em dois meses de namoro, que não viveria mais sem ele.

Ele me contou uma vez que, quando foi na casa da Isabela pela primeira vez, ela estava toda-toda, orgulhosa por ter feito um almoço delicioso. A mãe estava ensinando a fazer comidas diferentes, porque ia precisar, quando logo. Ela havia também limpado a casa, e ele andava no chão com os brilhos da dedicação dela. Contava essas coisas dando risada. Achava extremamente engraçada a situação. Não por ela ter feito isso, mas pelo que poderia significar. Era todo cheio de achar sentidos nas coisas. Disse “parece que estou namorando com minha avó”.

Eu sabia que, porém, ele se referia a Mãe dela. Isabela era sem-amigos. Era sozinha maior parte da vida. Seus pensamentos e seu mundo foram formados em conversas com sua mãe, ideias de tantas décadas atrás. Ela não formava nada de seu. Qualquer conflito de ideias era marcado por uma vitória do pensamento de sua mãe, que lhe explicava o mundo, tintim por tintim. A família toda

estava congelada no tempo. Ela era inocente, virgem de corpo e alma, pois os pais haviam protegido de tudo que podiam. Ela não conhecia a maldade que paira sobre a terra, mas sua mãe contava histórias de como as pessoas eram cruéis e de como os homens não eram confiáveis. Agora ela vivia um conflito. Alguém apresentava um mundo completo novo, diverso do de sua mãe, foi ganhando tanta influência quanto ela.

– Minha mãe falou que quem estuda filosofia é louco – disse ela uma vez. Ele riu.

–Você acha que eu sou louco?

– Minha mãe que falou, minhas primas riram e concordaram.

– E você, o que acha?

– Não sei, não entendo essas coisas.

– Você pode achar alguma coisa. Já te expliquei um pouco disso.

– Não sei! – Isabela começou a chorar. Sempre chorava, as lágrimas não viam a hora de pular de seus olhos. Ela não sabia em quem acreditar mais.

– Calma, calma – Tentava desentristecer. – Sabe, eu acho que sua mãe está certa, de alguma forma. Mas, ao

contrário, não acho toda loucura ruim. A filosofia é uma espécie de loucura boa.

Ela o achava tão sabido. Nunca conseguiria ser tão inteligente quanto ele. “Não sou tão assim, acho que você não está me enxergando direito” ele repetia zilhões de vezes. Ícaro começou a ficar com medo. Sentiu que tinha poderes sobre ela que não devia. Poderia moldá-la que não havia resistência nenhuma. Tomava cuidado pra não abusar. Em uma semana ele a convencera que rock era o melhor gênero musical que existe. Ela já tinha parado de ouvir sertanejo, que tanto gostava, e agora só ouvia rock. No fundo nem ele mesmo acreditava nisso, mas fazia pose-de.

Com o tempo ele foi ficando irritado com a passividade. Explicava que ela não deveria concordar com tudo, deveria ser dona de si, empoderada. Ele se sentia vergonhoso por ter de explicar isso, não era seu papel. Ele entendia que a vida não era a busca do outro, metade da laranja, que preenche nossos vazios. A vida é um encontrar-se enquanto laranja toda inteira. Ele não poderia ser príncipe, só é completa a pessoa que é príncipe e princesa, conjuntamente. Eu não concordava com ele em

completo, mas achava a dependência dela perigosa. As cartas diárias eram cada vez mais exageradas.

A coisa começou a ir mal, ele não estava preparado para ser o mundo de outra pessoa, não queria tanta responsabilidade. Não queria ser a condição de existência de ninguém. Estava desgostado daquilo. Premeditava. Mas toda conversa que tentava ter, anunciando que ia mal, acabava em choro, soluço e desmaio. Ela era o puro medo. Sim, desmaiava. E ele não sabia o que fazer além de esperar os quinze minutos até voltar ao normal.

A prima dela havia dito que homem só pensa naquilo, e que ele iria embora se ela não entregasse sua pureza. Ela acreditou tão bem, como a fé dos desesperados. Queria de qualquer forma que ele a tocasse. Mas ele estava convencido a não avançar mais estágios.

Sabia que ia voar, e não levaria nada de tão valoroso para ela e para a sua família, cumpridora de tradição. Eu ficava tentando fazê-la entender que a vida é possível sem ele. Mas o choro era inevitável.

E foi o que estava pra ser. Ele queria um tempo, pra pensar. “Quanto tempo?” “Não sei”. Ela não conseguia soltar. Nunca. Ele determinou:

– Se não puder ter um tempo, não consigo mais.

– Me ensina como tenho que ser, pra você

– Não posso.

Ele chegava na empresa e nem falava com ninguém, muito menos com ela. Pediu até pra trocar de lugar com o Jobson, colega nosso. Assim, saiu da frente dela. Mas isso não impediu de ter cartinhas todo dia, cada vez maiores e mais salgadas. Ela continuou ligando três vezes ao dia. A mãe tentava interferir, mas Isabela não mais obedecia. E ele cumpriu o prometido “Eu disse que não aguentaria, então...”.

No dia seguinte ele não veio, e ela toda hora olhava sua ausência na cadeira. No dia seguinte também não, e no outro. Uma semana depois, relatam, foi visto no RH, assinando.

Isabela não conseguiu trabalhar direito por muito tempo. Só não foi demitida por minha insistência junto ao chefe, tudo ia passar. Ícaro ausente permaneceu espetando agulhas em seu coração por semanas. Quatro meses de namoro, cinco meses e meio de esquecimento. Saiu. E Com sua saída, algo surgiu dentro dela, o sol e a lua, a grande borboleta, completamente.

A hora da Formiga

Aristides estava à beira da morte. Ninguém da cidadezinha estava sabendo. Na verdade, não havia ninguém pra saber. Estava em um leito de hospital, apenas com sua filha, Rosa, ao lado, de cabeça baixa. Sua esposa já havia ido há alguns anos.

Ele olhava para o teto do quarto, como que tentando ver a realidade do paraíso. Tentava ver, na verdade, se seu nome estava lá, no livro de convidados. Mas era impossível, enquanto tinha olhos feitos da carne, no corpo quase quente.

Ainda podia falar. Sua boca era uma das poucas partes do corpo que o seu trabalho não tinha desgastado. Toda a sua energia havia sido devorada pelo seu patrão,

Senhor Antônio Cabral, um dos raros homens que tinha sobrenome naquelas terras. Sobrenome trazia consigo herança, fortunas. O agora quase-morto era só Aristides, o trabalhador. Senhor Cabral era dono das terras onde morava Aristides, assim como dono dos bois, das árvores, do rio que ele cuidava com muito esforço e paixão. Tudo era de uma enormidade sem palavra.

Vivia lá em troco de trabalhar para seu patrão. No início era apenas cuidar da fazenda. Depois foi tendo que enviar todo produto que a natureza gerava para a casa dele, que de lá ia para outros rumos, além do horizonte. Quanto mais enviava, menos tinha pra si. Seus calos endureciam e sua coluna estava encurvada pelo peso do sol.

Agora a vida estava em seu entardecer. A noite se aproximava cada vez mais. Tinha um último desejo: rever seu velho amigo João, o Da-Viola.

– Vá e peça para ele não esquecer de seu Companheiro-de-toda-vida – disse Aristides, numa manhã, à filha, que foi na mesma hora, de forma desesperante.

João morava na cidade vizinha. Foi difícil para Rosa o localizar, pois os dois amigos não se falavam há anos, causa de intriga. Ainda assim, foi na mesma noite que se reencontraram.

João Da-Viola entrou no quarto do hospital. Apesar do nome, ele trazia um violão, seu companheiro. O rosto dos dois estava cortado pelo tempo, mais do que se lembravam. A face do enfermo iluminou-se ante a presença do outro.

– Venha cá, amigo, perto. Minha voz já não tem força pra chegar até aí.

João sentou-se perto de Aristides, que disse:

– Quero pedir desculpas pelo nosso desentendido. Foi muito egoísmo de minha parte.

– Esqueça, irmão. O passado só existe quando lembramos.

– Mas eu sou só passado. Meu futuro é apenas o desconhecido.

A velha briga entre os dois foi porque, em uma época de dificuldade em tempos invernais, Aristides não quis dividir a pouca comida que tinha com o amigo. João era músico, e estava muito tempo sem ganhar dinheiro. O

melhor tocador de violão dos arredores. Mas o caminho do artista é dos altos e baixos. Acusavam-no de desocupado, mas só quem toca sabe a dedicação que a música exige. João foi obrigado a procurar serviço, o estômago vazio o exigiu. Só encontrou na cidade vizinha, no bar do Manuel, e pra lá foi.

– João, – disse Aristides – o trabalho foi muito mais duro sem o seu violão do lado. Os campos pareciam mais tristes. A vida encheu-me de pensamentos, por castigo. Até hoje tenho perguntas que não sei resolver. Acho que não quero achar as respostas. Exemplo: qual foi o produto da minha vida? Qual minha herança pro mundo?

João ficou pensativo. Se prendeu no pensamento para não gritar a tristeza.

– Minha herança foi a fartura do meu patrão, suas taças de ouro. Minha filha nem pode tê-la. – Neste momento a filha segurou sua mão. – Enquanto tu... trouxeste alegria com teu violão.

– Nem sempre, irmão. Às vezes a música é uma lágrima que não sai do olho.

– Pode me fazer um favor?

– Claro.

– Toque sua música mais uma vez, já não consigo lembrar dela. Toque enquanto eu ainda ouço.

João pegou o violão e começou a tocar. O som preencheu todo o quarto, a melodia parecia vir de todas as paredes, do chão, do céu. Pela janela, via-se que estava chovendo. Apenas os três estavam no cômodo.

Aristides fechou os olhos. Estava totalmente concentrado na música, e João dedilhava toda a sua vida. Lembrava da juventude, de quando namorava sua esposa, Estela. Lembrou-se do nascimento da filha. Tudo era trazido pela melodia que os dedos de seu amigo tiravam do violão. O doente se sentia fora do mundo. As notas já eram escadas que o levavam pra cima. A música foi ficando cada vez mais triste, a mais triste que João tinha tocado.

Quando o violão parou, ouviu-se um gemido de Rosa. Uma lágrima caiu do rosto de João e bateu nas cordas do violão.

Seu amigo já não respirava.

Uma alma pequena

"No fundo do mar não há manhãs." Pensava Lara, enquanto olhava para a profunda água, do alto de um rochedo que ficava enfrente ao horizonte marítimo. Pensava também que, nas partes mais afundadas do mar, havia uma pressão que sufocava os peixes. Eles não ousavam chegar muito fundo, pra não serem espremidos, e ela os entendia perfeitamente. Ela se sentia sufocada. Ela

estava tentando mergulhar cada vez mais, mas não era tão forte a ponto de chegar ao fundo. Após mergulhar em tamanha profundidade de si mesmo, é impossível voltar a ser alguém de superfícies. Tinha medo.

Seus pensamentos foram despertados pelo celular. Alguém estava ligando e ela esperou o toque acabar. Era a diretora do conservatório onde ela dava aula de canto, que ainda não entendeu que ela não gostava de ligações. Após dois minutos do fim do toque, houve uma notificação de mensagem. “Alanis quer saber se pode adiantar a aula dela pras dezesseis horas”. “Pode sim” respondeu, digitadamente, e como já era quinze e pouco, levantou e caminhou pra o conservatório. Foi pensando na sua aluninha, Alanis, toda feliz, empolgadíssima em aprender a cantar como ela. Lara era famosa na cidade pela sua voz. O sonho de toda meninazinha era cantar como ela. Alanis parecia ela própria quando começou a cantar, com seus quinze anos de inocência, quando o mundo ainda era novidade.

Após a aula, voltou para seu rochedo na beira da praia, já no escurecer da tarde. Quando Lara era nova, seu sonho era sair dali, daquela cidade que não era mais do

que um monte de casinhas ao redor do porto. Ela tinha o sonho de ser mais. Ela ainda estava em busca da alma, que parecia estar navegando por aí. Esperava achar alguém que a ajudasse a encontrar a própria alma, pois, ela não sabia o que era ser de verdade. A nossa alma reflete, apenas, no mais profundo dos olhos do outro. Todos estes pensamentos eram entoados pela sua voz em canto monossilábico "ooóôÓ". Enquanto pensava, sua voz curvilínea desnudava-se para o mar, o todo infinito, e chamava pelo pós-horizonte.

Acontece que havia, naquele momento, um jovem, Marcelo, andando pela praia logo abaixo da rocha de Lara e seguindo o som agradabilíssimo que jurava não ser humano. Foi seguindo as pedras e subindo cada vez mais até que alcançou a rocha onde cantava Lara, o encanto se fez. Ficou ouvindo silencioso até que, em susto, Lara parou seu canto pela presença do estranho.

— Olá — falou a moça.

— Oi. Desculpa atrapalhar.

— Imagina.

— Que voz linda, inacreditavelmente. Sou Marcelo.

— Lara.

— Que faz aqui, na solidão, cantando?

— Cantar é um ato que não tem para-quê.

— Ham? — Desintendeu.

— Não preciso de motivo, é isso. Canto, apenas.

Na verdade ela poderia tentar explicar, mas não conseguia. Ela tinha dificuldade com a fala. Era muda, por castigo. Não conseguia explicar o mais remoto de si, o motivo pelo qual cantava todo dia, ali, sempre ali. Era o mar, o além do mar que pedia insistentemente. Queria novas terras, novos rumos, algum lugar que ela pudesse respirar ar puro, algo que não sufocasse. Procurava sua alma, que alguém estava esperando para lhe entregar. Enquanto estava ali, cantava as cidades que ainda não conheceu, os países, as ilhas, tudo sonhado em lá menor. Sabia entretanto que ele não entenderia. Era melhor ficar quieta, homem não gosta de mulher faladeira.

— Queria ouvir você cantando mais — Marcelo disse, vendo que Lara ia embora.

— Canto todo dia aqui, mas prefiro que não venha me ver de novo.

— Por quê?

— Porque canto pra mim, nunca me dei bem com os ouvidores.

E era verdade, muitos se perderam nas vozes de Lara, achando que ela convidava. Acabava sempre mal, os melhores saravam bebendo no bar do porto, até amanhecer deitado, abraçados carinhosamente com uma garrafa.

Dia seguinte, quando Lara chegou, fim de tarde, Marcelo já estava lá. Ela quase o ignorou, pois começou a cantar timidamente. “oOoOooô”. Ficou tímida pois tinha um enorme medo de ser ridícula, risível. Sabia que era muito bonita, então não tinha certeza da sinceridade quanto a sua voz. Ele não disse nada, só foi se deixando levar pelos sons, que dançavam na sua frente. O corpo todo ouvia a música. Foram horas passando em séculos de segundo. Quando finalmente deu a hora de ir, Marcelo pôs em voz:

— Você faz apresentações?

— Porque está perguntando isso?

— Quero saber com o que trabalha.

— Sou professora de canto.

— Legal. Eu trabalho em um cruzeiro, parte aqui da cidade vizinha ainda essa semana. Durante os jantares e festas temos música e precisamos de uma cantora. Achei que pudesse se interessar. O dinheiro é bom.

Na verdade, durante o dia Marcelo convenceu seu pai, o capitão, a contratar uma cantora. Disse que agregaria valor ao cruzeiro, coisa chique.

Lara imediatamente quis rejeitar, mas em um segundo imaginou-se viajando mar afora, e sua imaginação se encheu de brilho.

— Vou pensar. Volte amanhã.

O pensamento de viajar por aí no navio foi crescendo dentro de Lara rapidamente, sem descanso. Passou o dia todo pensando, a viagem, a família, outros países, a cidadezinha, o mundo todo ao seu alcance e suas âncoras, prendedoras naquele fim de mundo. Pensava também em Marcelo, a imagem daquele homem passeava na cabeça de Lara. Ela não sabia se era por causa da possibilidade que ele abriu, ou pelo seu ser em si mesmo.

A escolha a torturava. Ela parou pra pensar que tudo na vida, até então, fora ela deixando ser levada pelas coisas. Todos os caminhos que ela trilhara fora empurrada

por alguém, ou por alguma situação. Decidir, assim, algo tão sério era angustiante. Sabia que, no fundo, não havia motivo pra ficar nem partir, era ela mesma que daria seus motivos. Pediu até pra Deus dizer pra que lado ir, mas descobriu que a Deus não é permitido tirar o livre-arbítrio. E mais, se Deus existe, é mudo. Precisa ser mudo para que sejamos de fato humanos.

O que sou? Do que gosto? Gosto mais de viajar ou de continuar a dar aulas nessa escola de música? Não sabia. O que é mais importante só é decidido depois da escolha. Ela estava aprendendo a andar com as próprias pernas, mas doía muito. O tempo passava e, chegando já na hora de responder, decidiu.

Foi para a rocha de sempre, que já estava esperando seu canto. Junto dela, Marcelo. Não começou a cantar, foi em direção ao Marcelo e disse sim. Sim... era uma palavra de peso! Ele deu um sorriso e disse apenas: “Terça-feira sete horas da manhã esteja aqui nesse lugar pronta. Traga tudo que for precisar.”

E na terça-feira ela estava lá, mesmo. Despediu-se de seu pai, furioso, e de sua avó. Eles eram cheios de amigos, não ficariam sozinhos no mundo como alegavam.

Ela não podia deixar que as âncoras fossem mais fortes que o vento. Arrumou a mala e esperava palpitante na hora e local marcado. Ouviu uma buzina e olhou de longe na rua Marcelo no carro, acenando para ela. Saiu quase correndo e entrou no carro com a mala. Enquanto iam para o lugar de onde o cruzeiro estava pra sair, ela não falou nada. Ficou observando Marcelo dirigir, com um sentimento meio estranho. Era muito cedo para sentir algo por alguém, não estava em um conto de fadas pra ter amor à primeira vista.

II

O mundo dela ficou pra traz, afastando-se até virar um ponto indistinguível. Isso observava com a cabeça apoiada nos braços, na parte de traz do navio. À noite seria sua grande estreia como cantora e a ansiedade a tomava. Nunca cantara em frente a um grande público de exigências. Ela obteve o direito de circular pelo navio, participar dos ambientes luxuosíssimos e consumir o quanto quisesse, tudo isso com o seu talento ainda não demonstrado. Pensava apenas no Marcelo e cada vez que

sua imagem aparecia na mente, o coração acompanhava com bater mais forte.

Pelo jeito ele também pensava nela, pois enquanto ela estava ali olhando para o mar, ele ficou do lado dela, por alguns silêncios, como se quisesse respirar sua presença. E disse:

– O que acha de viajar o mundo todo comigo, ao meu lado?

– Já estou viajando com você.

– Não assim, como amigos. Mais do que isso. – E encostou sua mão na dela, discretamente. Ele nunca foi muito de meia-palavra, e isso a assustou.

– Não... Não sei. Tudo é muito novo. Não sei. Porque eu deveria fazer isso?

– Se eu te desse os motivos e te convencesse você não estaria escolhendo de fato.

– Não sei. Me dê um tempo.

Lara saiu dali e foi se preparar para noite que vinha, aquecer a voz. Sua mente perguntava a cada cinco minutos "Sim ou não? Sim ou não?" Calculava. O coração já tinha sua resposta, mas não era aceito com facilidade. Penteava o cabelo em frente a sua própria indecisão, no espelho.

Saiu decidida. A cada passo que dava, sentia uma dor, a dor de ser humana, de ser. A noite estava toda iluminada, dentro do salão. Era enorme, com mesas redondas decoradas com flores, louças e talheres mais chiques que já tinha visto. As pessoas em traje de gala pareciam não ver, ela e a banda. Começaram tocar, violinos, piano e contrabaixo. Quando Lara começou a cantar todos os pescoços se viraram para ela, espantados com aquela voz. Isso a constrangeu um pouco, mas continuou, por dever. O espanto era pela voz singular que chamou a atenção de todos ali, involuntariamente. Após o final da primeira música, já haviam palmas entusiasmadas, coisa que era incomum entre pessoas tão comedidas. Batiam palmas deseducadamente.

Lara foi gostando daquilo. Até perceber, bem lá no fundo, Marcelo abraçado com uma moça, todo cheio de carinhos. Eram namorados, no visível. A moça olhava para ele cheia de sorriso, mas ele parecia não estar ali, flutuava. A voz de Lara mudou de tom gradualmente, mas sem perder o encanto. Quem estava ali já começava a sentir-se melancólico, e a partir daquele momento, as comidas ficaram mais amargas.

Passado quarto de hora acabou a apresentação. Todos já haviam jantado e se dirigiam para os salões de conversas e jogos, com charuto na boca e *whisky* na mão. Ela foi contemplar o mar novamente, assim que pode, pois as pessoas paravam-na para declarar pomposas congratulações e de vez em quando uma anedota. A tudo isso reagia com simpatia, mas a sim que possível, ficou sozinha com o mar, seu conhecido, na parte descoberta do navio. O vento era forte e confortante.

Não tardou para que Marcelo aparecesse. Ela sabia que ia querer a decisão, o ponto final. Teve medo. E tudo era isso: teve medo. Tinha medo de ter culpa, nunca se sentira culpada na vida. O que a gente decide é a nossa própria vida, o tudo saído do nada.

– E aí?

Ela sempre teve dificuldade de falar, nunca chegava ao ponto, sempre esperava que o ponto viesse até ela, era levada pelas águas do discurso. Era como se sua língua tivesse sido cortada pelos deuses. Mas dessa vez seria diferente.

– Não – respondeu, assim com todo o peso tonelar e com toda a sua alma recém brotada.

– Não o que? – perguntou Marcelo.

– Não posso. Não quero. Não vou te acompanhar.

– Entendo.

– Você já tem uma acompanhante.

– Tenho, mas deixarei de ter se quiser.

– Já está decidido.

– É uma pena, tudo bem.

Marcelo foi embora, carregando consigo toda a possibilidade de futuro. Ela ficou só com o presente, rígido. Não queria mais lembrar disso, não queria saber mais. Queria ter ficado só no sonho, no seu rochedo do porto em que nasceu. O sonho, quando se concretiza, já não tem mais magia, já não é mais sonho.

Lara subiu na proteção lateral, amurada, e se jogou. Seu corpo afundou no mar, e sua alma ficou pairando acima da água, como se fosse espuma. Nesse momento, todas as pessoas do barco ouviram uma voz, muito alta e já não-tão-triste, que reconheceram ser de Lara. Todos se arrepiaram e tiveram medo, parecia estar nas paredes, no ar, na água que envolvia o navio. Ainda hoje existem pessoas que, passando perto da região onde o corpo de Lara afundou, dizem ter ouvido uma voz, linda e

sinuosa, que os chama para o fundo do mar. Mas nada confirmado, só estória de povos pescadores.

Fera

“Nunca conheci quem
tivesse levado porrada.”
(Álvaro de Campos)

Foi numa bela noite que a conheci, num dos ininfinitos grupos do facebook. Adicionamo-nos. Tínhamos muitos interesses em comum, leitores, místicos, adoradores de rosas. Gostávamos dos mesmos escritores. A conversa foi se desenvolvendo numa fluência sem precedentes. A conexão estava feita.

Michele, ela se chamava. Era de muito longe, eu estava na loucura de São Paulo, ela na outra loucura de Alagoas. Morava num castelo de amarguras, maltratada pela mãe, não suportava o padrasto, e o pai estava bem longe, querendo ter sua presença só de vez em quando.

Não saia de dentro da sua masmorra, nos fundos da casa da mãe. Preferia estar no trabalho a estar em casa.

Eu via suas fotos com uma leve indiferença. Era bonitinha, mas não grandes-coisas. Eu sempre dizia que me importava apenas com belezas interiores, modos de existir e se expressar. Nisso ela era a mais bela de todas. A poesia era sua voz, cordelando por aí.

No transcorrer-se, floresceu um namoro. Cada qual no seu canto do mundo, coisas dos tempos de hoje, da virtualidade. Facebook virou Whatsapp, e daí pra ligação. Falávamos quase três horas diariamente. Amanhecíamos juntos, ela era o meu sol-de-todo-dia. Éramos ambos prisioneiros do carinho do outro, a miliquilômetros de distância.

A rotina era de namorados comuns. Brigávamos e nos resolvíamos, declarando amor infinitamente. Fizemos planos juntos, talvez um se-casar futuro, num ponto médio do Brasil. Nosso amor era secreto, e por isso o universo que vivíamos era metamundano. Falávamos de como as pessoas eram sem-sentimento e como tudo podia ser diverso do que é, construíamos a nossa realidade, sonhadores.

Mas fez-se a ruptura. O mundo sempre está acabando com as felicidades? Não, o mundo sempre está a nos testar. Ela disse-me que precisava contar uma coisa, de sumimportância. Estava engasgada, desde o início. Falou-me, em meio a soluços de choro, que as fotos que me mostrara não eram dela, Facebook falso. As fotos legítimas não exibia. Tinha uma enorme vergonha de sua aparência. Não se aceitava. Falou que após a revelação não tinha mais coragem de me ver. No calor da hora eu quis enxugar as lágrimas com minhas palavras. Nada adiantava. Ela dizia que já estava acostumada, sempre dava a hora de ir embora, pra nunca mais.

Pedi que ficasse, que não ligava pra essas coisas. Eu disse que nada tinha mudado. Ela ficou, e mostrou-me sua verdadeira face. Me entregou todas suas rosas de dentro do peito. Mas as surpresas chegaram ao meu espírito com dias de atraso. Não conseguia mais vê-la. Ela não era mais quem era, e isso me incomodava. A figura real era mais feia, afastava-me. Ela acreditava na minha indiferença pra aparência. Mas ao mesmo tempo eu descobria que isso era impossível pra mim.

Aconteceu que não consegui continuar. O namoro findou-se. A fera havia se revelado; Quem, ela ou eu? Desacreditava. O meu discurso não correspondia, era apenas um falar-bonito. Ela sumiu, foi recuperar sua vontade de viver; e eu deixei que fosse pra longe, inatingivelmente. Mas ainda hoje sinto a fera me intraperseguir, meus olhos fúteis estando à procura da beleza mínima. No mais fundo ainda, sei que fali enquanto homem de palavra. O logos me abandonou, amaldiçoando-me a uma vida na animalidade.

O feijão e as nuvens

O menino, João, encara, de fora, a vitrine da livraria. Por trás do menino os carros passavam, refletindo os faróis no vidro. A cidade, a buzinaiada, cotidiana, das seis horas da tarde. Os livros cumprem exemplarmente sua função naquele lugar iluminado, mais que tudo. Seduziam, com todos aqueles mundos adormecidos nas páginas. Todos os dez reais que trazia, daria pra comprar apenas um, o da capa verde. Lembrou-se de súbito o paraque de estar ali: o mercado mais adiante, feijão, arroz e farinha. O alimento da família, a mãe e ele, durante a semana.

A mãe, empregada doméstica, foi substituída por aspiradores e máquinas de lavar, x-plus 2000. As famílias investiam: as máquinas não reclamam nem tem direitos trabalhistas. Agora os dois viviam com ajuda do governo e as esmolas que o menino pegava, pois só se costuma dar esmola a criança. E o pai não havia, mesmo devendo de haver.

Entrou na livraria. Não sabia como agir ali. Observava as pessoas pegando os livros, levando para frente de uma moça com computador. Fez o mesmo, levou o livro da capa verde para a moça, sentindo o seguir do segurança, sempre com ele em vista, a poucos metros. “A dança: do ovo e do ouro” o livro chamava.

– Nove e setenta e cinco – disse ela.

Estendeu o dinheiro, em duas notas de cinco, sujas, velhas, dobradas. Pegou o livro e saiu, sem nem voltar para pegar o troco. Ele mal via o que estava em sua frente. Estava pensentindo, com o todo de si. Havia uma luta entre o prazer de adquirir algo tão prometedor e a culpa por não levar feijão. Duas coisas tão intensas e opostas que o deixaram em ruínas, como um campo de guerra. Mas ali,

agora, estava com o livro, e sem o alimento do estômago, sem dinheiro.

Ele se lembrou da surra que levara no dia anterior, por um bilhete da professora. “Lição incompleta, o menino vive nas nuvens”. A professora achava que ele não era bom da cabeça. João lia com muita dificuldade, não conseguia se o concentrar com a bagunça dos colegas.

Decidiu, não voltaria. Teve medo. A mãe não poderia saber o que ele fez. Não podia, de jeito nenhum! Ir pra casa sem alimento seria uma tragédia. Seu corpo ainda ardia. Mal podia mexer o braço sem doer. Pôs-se a andar, sem rumo, para onde fosse, o mais longe. Andou até cansar, dez minutos ou duas horas, tanto faz. Parou e sentou na sombra da árvore, de uma qualquer praça. O estômago fazia seus barulhos, solicitando. Queria ler, olhou as trinta e poucas páginas ilustradas.

Ele abriu o livro e o livro o abriu, para si, para o mundo. Mergulhava. A verdade é um raio, epifânico, ilumina por um quase nada e se vai, deixando nosso corpo tremendo de pavor.

Dizia que era uma vez. O rei Golias, senhor das terras de mono-pólis e dono de um gigante castelo de

ouro, era muito mal e cobrava alto imposto de todos os cidadãos do reino, doze ovos por dia, para cada família. Transformava os ovos em ouro, vendendo nas redondezas. Isso obrigava todos a ter várias galinhas. Um dançarino, meio bobo, descontente com o rei, pensava em estratégias de como livrar o povo faminto da tirania. (Não vou contar o final, pois não quero privá-los da experiência de ler, quando esse livro for escrito).

A mãe de João, após três dias de sumiço, juntou os conhecidos para procurar, “meu filho, moço, você viu?” Carregava uma foto já um pouco antiga. “Quando eu achar esse menino, ele vai ver” pensava, fechando a mão violentamente. Mas quando o encontrou, delirante, se retorcendo e com fome, não teve coragem de gritar nem bater.

– Que está fazendo aí, meu filho?

– Estou dançando, preciso acabar com o Golias. Ele roubou meu alimento, de nós todos.

– Vamos, do que está falando? Vem pra casa.

– Não, preciso falar. Vocês estão dançando a música dele, está tocando em cada esquina! Ouçam!

Foi pra casa. Mas não parou de falar, do Golias, dos ovos transformados em ouro. Ainda hoje vai lá na mesma praça de vez em quando. E anuncia.

– O fim está próximo, Golias está velho e vai cair! Venha dançar a minha dança.

Com o livro verde debaixo do braço.

A princesa na ilha

Ele estava diante da sala da nova casa. Cheia de caixas com suas coisas. As caixas se empilhavam e os móveis estavam desconfigurados. A casa estava desfigurada. A casa que ainda não era dele. A casa que ele sentia que nunca seria dele, nunca mais teria casa. Aquilo era um pedaço de lugar que precisaria para não dormir na rua. Só. O mundo definitivamente não estava em suas mãos. Nunca esteve. O maior ato de amor é deixar que o outro tenha o poder de ser seu chão, sua sustentação. Mas agora flutuava, sentia-se caindo em um poço. Um poço que não tinha fim. E é melhor que não tivesse. Pois não resistiria a bater no fundo.

Quem o visse diria que não tinha nada. Ele não se importava com a bagunça dos moveis e das caixas. Até achava que aquela desordem correspondia a desordem que ele mesmo estava. Ele ainda precisava colocar seus pensamentos e sentimentos em caixas e guardar em algum quartinho escuro sete metros abaixo da consciência. Mas tudo estava aberto e não conseguia tocar. Tudo ainda estava dolorosamente vivo.

Lembrou do dia. O café da manhã, tudo em ordem. Acordavam todo dia juntos, ele e a esposa. Ele sempre acordava cedo, fazia o café e separava as frutas. Ela, acordava pouco depois, e olhava as coisas no computador. Tinha dormido mal, pois algo na cama a incomodava. A cama era nova, mas ela não estava contente. Ele fez o café e cortou as frutas, na sua dedicação cotidiana, que adorava. Servia ela como sempre serviu, enquanto ela sonhava em frente ao computador. Olhos sempre brilhando de frustração. Seu aspecto sonhador era fruto da criação de princesa que tivera. Sempre viveu o melhor do mundo, a vida onde o que queria estava sempre a mão. Mas o mundo todo não era suficiente. Mergulhando no fundo de si estava a ervilha, que a incomodava, doía de vez

em quando. “Olha essa câmera aqui, eu quero” Dizia, e mostrava uma câmera ultratecnológica. Ele ria e a lembrava que nunca foi de fotografia nem de vídeos. Não teria o menor sentido comprar, além do que não teriam dinheiro para tal, teriam que juntar por quase um ano, e até lá seu desejo já seria outra coisa. Lembrava também da cama que acabara de comprar. Ela não gostava de ser lembrada dessas coisas, ficava irritava quando alguém colocava seu pé no chão. Mas toda briga estava dentro da ordem maior.

Sentou-se do lado dela no sofá, entregando o café e as frutas cortadas. Ela conversava com algumas amigas pelo Facebook, estava tão distraída que agradeceu mecanicamente, sem tirar os olhos do notebook.

– Tudo bem? – Ele perguntou.

– Tudo. – respondeu, também mecanicamente.

Mesmo essa distância não o assustou, não tinha como prever quando aquilo que doía no fundo da alma da sua companheira chegaria a pôr um fim. Era como se uma bomba tiquetaqueasse em seu ouvido, na iminência constante, há tanto tempo que deixara de ser perigosa. Ele apenas pensava no quanto de trabalho teria aquele dia,

listava as coisas que tinha que fazer. Seu desejo de prever o futuro, se possível a vida toda, era inacreditavelmente reconfortante. Todos os dias, sem surpresa, a vida seguia seu rumo tranquilo.

Mas algo queria surgir.

– O que quer fazer hoje a noite? – perguntou ela.

– Não pensei em nada, o que sugere?

– Não sei, diz você.

– Podemos ficar em casa assistindo série.

– Aff, denovo?

– Sim, mas se tiver outra ideia, podemos mudar. O que você quer fazer?

– Nada – Respondeu impaciente, com a expressão de “eu não sei por que eu pergunto”.

– Quando decidir o que quer fazer, me avisa, tá? – Ele disse e, após se dar conta de que não haveria resposta, saiu.

Trabalhou como qualquer dia, olhando de vez em quando no celular, na possibilidade de alguma mensagem dela. Mas o celular só dizia o silêncio, sem fim. Mal ele sabia que por dentro do silêncio algo de nefasto acontecia,

alguma corrente se quebrara, para sempre. Voltou do trabalho e encontrou a esposa no notebook, escrevendo.

– Você já jantou? – Perguntou, vendo que não havia nada preparado na cozinha. Eram oito e tantas da noite.

– Não, não quero comer.

– Não quer que eu faça nada?

– Não.

Então ele fez um jantar simples, bem o mínimo, como estava acostumado. Ele vivia bem com o mínimo das coisas, e com o sorriso no rosto. Quando ele já estava terminando de jantar, ela foi na cozinha e disse, olhando as panelas:

– Estou com fome, mas não quero isso aqui.

– O que quer, então? – Ele perguntou inutilmente.

– Quero alguma coisa, mas não sei o que é.

– Aí fica difícil, né. – disse o marido já cansado.

A cara dela foi uma mistura de raiva com tristeza. Ele foi para o quarto, assistir suas séries de ação, que tanto gostava, e ela ficou na sala, terminando os relatórios que estivera fazendo tão concentrada. Por volta das vinte e três horas, ela também foi para o quarto e se deitou com ele. A

TV já estava desligada, assim como a lâmpada. O mundo estava em repouso.

– Precisamos conversar. – Ela disse, de susto.

– Pode falar.

– Não aguento mais – A ervilha doía dentro dela.

– O que está te incomodando?

– Tudo. Não aguento mais essa vida, estou de saco cheio.

– O que você quer?

– Eu não sei, eu só quero viver, me sinto morta.

– Mas o que você quer?

– Precisamos terminar. – Ela disse, e colocar as coisas no campo da necessidade a livrava de ter que se sentir responsável pelas escolhas. E ele, sabendo disso, insistia:

– Não, não precisamos. Mas é isso que você quer?

– Preciso.

– Aiai. De novo. – Falou com impaciência. – Já estava demorando.

– É sério.

– É sempre sério, quer terminar comigo sempre quando quer que eu faça alguma coisa pra você. Podemos conversar sobre isso amanhã? Eu faço o que quiser.

– Não, precisamos resolver. Eu sinto que estou presa aqui. Sabe quando você fala que não estou satisfeita com nada? Acho que é isso mesmo. Eu não consigo viver com metades, eu não aceito nada menos que o perfeito.

– Então, eu nunca vou ser perfeito. O que você quer não existe. Não sou suficiente, né?

– Não consigo mais, não quero viver um dia após o outro, tudo o mesmo, para sempre. A vida é curta. – O amor, para ela, era dolorosamente insuportável.

– A vida continua nos seus frutos. – Ele disse – Estamos tentando ter um filho, lembra? Não é algo que deseja muito?

– Sim.

– Então, não consigo entender como alguém pode querer ter um filho e se separar ao mesmo tempo.

E essa frase foi seguida de outro silêncio. E o silêncio é o caminho para o mais verdadeiro da gente.

– Vamos nos separar – ele disse em tom fúnebre de decreto. Ela suspirou de espanto: isso era novo.

– Você está falando sério?

– Sim. Eu não quero, mas você não está presa a mim. Se é infeliz assim, melhor que separemos. Estou cansado de viver na corda bamba. Gosto de ter raízes fortes e não sentir que posso sair voando por causa de qualquer vento.

Mais outro silêncio.

– Depois de amanhã eu saio. – pensou mais um pouco – Só me diz uma coisa: está gostando de outra pessoa?

Ela riu, um riso meio desesperado.

– Estou gostando mais de mim mesma. – disse com pitadas de indiferença.

E não havia resposta possível. Tudo explodiu e deixou o mundo em ruínas.

Depois disso dormiram, muito mal. Ele não foi trabalhar no dia seguinte, procurou casa pra alugar e, no mesmo dia, conseguiu, aceitou a primeira que apareceu, e usou um dinheiro que estava guardado.

E tudo foi isso, estava agora contemplando as caixas, que precisava organizar, a vida que precisava ser colocada em ordem.

Não passava pela cabeça a possibilidade de ela estar mentindo. Sua inocência, a promessa de acreditar nas pessoas era seu voto quase que religioso. Não queria acreditar que todo mundo era cruel. E assim se manteve, e foi muito pior. Pois a transformação era muito mais aguda.

Sabia que isso significava uma morte. A morte da mulher que se deixava viver em laços, que conectam ao mesmo tempo em que aprisionam. Ela já era outra. Tentou odiá-la, seria muito mais fácil assim. Mas não conseguia. Aprender a odiar exige que você venda parte da sua alma, sem volta.

Agora estava só. As caixas estavam intactas na sala de onde dormiria agora em diante. Pensava. Como é possível o amor se as pessoas mudam? É possível amar alguém que você não sabe o que vai ser? Não é possível, me permita dar essa resposta. Ou, talvez, será que só é possível amar quem já está com a alma finalizada, completa?

Será que existe razão para que tudo aconteça, assim, algum pecado pra pagar? Espero que ela seja feliz, insistiu no pensamento.

Mas dentro dela, ainda estava escondida a ervilha, e a bomba se rearmava.

CONTOS

Desencontros

Estavam os dois, frente a frente. Frente ao mundo de gente que passava pelas catracas do metrô Brigadeiro, em São Paulo. Todos iam apressados, sempre atrasados para os dois mil afazeres. Mas eles estavam ali, em paredes opostas, ao lado das roletas e gente passante. Ele se chamava Isaque, e não sabia como ela se chamava. Ele observava sua beleza concentrada a cinco metros de distância. Ela se concentrava em distrair, perder o tempo. Mas estava falhando miseravelmente. A cada leva de povo amontoado ela esticava o pescoço procurando. “Ela está esperando alguém” concluiu Isaque. Estavam ambos na mesma situação desesperante. No relógio, 19h40. Ele

ainda estava tranquilo, faltava vinte minutos até a fulana chegar, a desconhecida.

Tinham se entrevisto no aplicativo de encontros, esse onde as pessoas se curtem e se descombinam. Ele havia chamado a fulana pra sair, logo após poucas mensagens, e conseguira. Ele estava semi-feliz, a ansiedade agora se tornaria um perigo enorme. Ele pensou em sair de casa duas horas antes, pra não correr riscos. “Vou chegar muito cedo.” Ai, meu Deus. “Vou sair uma hora e meia antes. Assim chego na hora.” Ele se preocupava em tirar ela do pensamento. Viu um filme poucas horas antes de sair, pra distrair. Com sorte chegaria atrasado. Isaque sabia do charme que é chegar atrasado, mostrar um sentimento de não-ligo-muito, mas não conseguia.

Ele chegou ao lugar marcado vinte minutos antes, o metro foi muito rápido, por infelicidade. A moça da frente ja estava lá quando ele chegou. Juntou-se a ela na espera do que não vinha. Pensou em, como estratégia, jogar um jogo no celular. Raciocínio, jogo de concentração, muito bom para não haver tempo. A cada contrapartida, ele olhava o horário. Falta cinco minutos. “Será que vou

reconhecer?" As pessoas nas fotos são tão outras. Ele estava preso em uma fase difícil. Desistiu do jogo, abriu outro, de tênis. Depois de duas partidas, "está na hora. Daqui a qualquer tanto ela chega."

Ela se atrasava, fazia-se esperada; e era mais que esperada. Enquanto isso Isaque percebia que a moça da frente ficava aflita. "Coitada". Coitado. Já passava das oito e vinte quando ele viu uma expressão de desistência na face da moça. Ela não se movia por falta de energia. Oito e meia. A partir de que horas a pessoa não vem mais? Nunca foi muito bom com procedimentos. Não sabia qual era a norma para a ausência.

Nada. Desistiu de aguardar, mas não queria voltar pra casa. Reabriu o aplicativo, a fim de olhar as pessoas nos arredores, talvez podiam se ver agora. Foi passando as fotos. Essa não, não, sim, sim, não, talvez... Abriu o perfil, não tinha nada escrito. "Meu Deus, como alguém pode não ter nada a dizer de si?": não, não, sim.

Até que surge um rosto recém-familiar, a moça da frente, Ana. No seu perfil dizia "o mundo é de quem sabe observar o que se apresenta por diante.". Clicou no sim, e logo de cara surgiu um *match*. Isaque olhou pra frente e

viu que ela estava mexendo no celular. Levantou os olhos para ele e deu um sorrisinho, levemente chamativo.

– Ainda bem que a fulana não veio.

Ele saiu de onde estava e foi até ela.

Disse:

– Ele não veio?

– Ele está na minha frente agora.

Ela preparava essa frase há horas. Ele sorriu e saíram da estação. Subindo as escadas em direção à noite.

O funcionário do metrô que os observava com curiosidade ficou com cara de “que foi isso?”. Os jovens de hoje tem cada mania.

Milagre

As mulheres estavam chorando, enquanto velavam o corpo de Levi. Todos que estavam em volta sentiam a ausência dele. Alguns pensavam "Ah, mas não era bem flor-que-se-cheire", e mesmo assim sofriam. Outros contavam suas histórias de bravura, de como não levava desaforo.

Mas nesse momento as portas da capela se abrem com um barulho estrondoso.

Era seu primo Saul. Mais que primo, era seu lado-a-lado, unha-e-cutícula, a dupla mais temida da região. Não chorava, mas tinha os olhos vermelho e respirava como um sem-fôlego. Todos ficavam em silêncio. A arma de Saul

refletia um brilho sem luz. Chegou perto do corpo do falecido e jurou:

– Esse Daniel há de pagar, um olho para cada olho e um dente para cada dente, Deus está vendo.

Falando isso, Saul sabia que as lágrimas das moças estavam sendo, por ele, enxugadas. As pessoas pensavam "a vingança é justa". Ele sabia desse pensamento, isso dava força, dever.

Daniel foi o homem que matou Levi, com faca, brigando no bar, bêbados. Levi havia esbofeteado o rosto de Daniel, por ter falado coisas desavergonhadas de sua mulher. E, do dito, se fez sangue.

Saul nem hesitou. Pegou seu cavalo e foi para a casa de Daniel. Estava disposto a derrubar todos que se colocassem em sua frente. Pensava que, com Daniel morto, tudo estaria resolvido. Tudo. Ele era o mal, em si, todo poderoso.

Saul entrou na casa dele chutando a porta. Os gritos explodiram. Daniel estava com a filha no colo, mas logo colocou-a de lado, imaginando o que vinha. O peito estava aberto e não era de ferro.

Mas a luz se acendeu e ofuscou os olhos de Saul. Ele ficou cego por uns momentos. Até que viu, verdadeiramente. A luz era tão forte que atravessou os seus olhos. A arma, que já estava em punho, caiu no chão, para sempre.

Ele viu o seu primo na figura de Daniel, o abraçou e chorou. Os dois choraram juntos.

E Saul foi embora, já não era mais o mesmo.

O Mundo perdido

Minha história começa assim: no sexto ano, um giz atingiu a professora. Repare bem. Um giz, instrumento ancestral do século XIX, atingiu uma professora do século XXI.

— Eu quero saber quem foi que jogou esse giz aqui! — disse a professora, após respirar fundo, com suas últimas energias.

Mas as últimas energias da professora não foram suficientes para chegar ao fundo da sala, embora ela estivesse quase gritando. Não passou pelas conversas que se animavam. Algumas cadeiras lhe deram as costas e

poucos ouvidos estavam atentos. Depois de poucos segundos ela desistiu. Ela desistia muitas vezes ao dia. Virou-se e continuou a copiar o texto do livro na lousa. Era tudo que conseguia fazer.

Mais um giz.

— Se eu descobrir quem tá jogando giz na sala...

Enquanto falava isso, viu um giz atingindo a Mayra. De susto lembrou que, entre os alunos, há aqueles que precisam de proteção e achou que tinha forças.

— Mayra, venha aqui.

A aluna estava tão acostumada com aquele tipo de coisa que nem achava justo reagir. Talvez também tivesse percebido que é inútil. Ficou envergonhada de ser chamada à frente. Apenas queria estudar, mesmo que não fosse em paz. Acreditava que copiar aquele texto, de alguma forma, a ajudaria a ter um futuro melhor. Antes de se levantar, teve tempo de ouvir: “se caguetar vai apanhar!!”. Foi andando enquanto se dividia: “falo ou não falo?”. Tique-taque. De um lado o respeito pela professora, do outro o medo da colega Joana, que não tinha nada a perder.

— Você viu quem jogou giz em você?

Por fim, teve fé no mundo adulto. Era muito obediente.

— Foi a Joana. Ela está jogando em todos.

A professora chamou o inspetor para olhar a sala e levou a Joana para a direção. Ela saiu gritando no seu ouvido: “Eu não fiz nada!! Você não tem provas!! Os outros também estavam jogando!!”

Explicou o ocorrido e deixou a aluna lá, na direção, com a sensação de dever cumprido. Eu posso, pensou.

Voltou a sala até achando que merecia ser ouvida, que podia explicar a lição. Ela conseguia, a força, fazê-los estudar. Para o próprio bem. Lembrou que havia todo um mundo de realizações passadas, cultura e ciência, de que as crianças tinham direito. E o mundo passado também precisava das crianças.

Mas, em cinco minutos, o inspetor voltou com a Joana dizendo:

— O diretor mandou ela voltar pra sala.

A professora até pensou em reagir, mas lembrou que não podia, era direito dela, e desistiu mais uma vez. Foi obrigada a ver a aluna entrar dançando na sala, com um sorriso no rosto. Voltou a copiar o texto na lousa.

No fundo da sala, a Joana decidiu se vingar da professora e da Mayra. Jogava giz com mais vontade e sadismo, descontrolada. Quando seu estoque acabava, chegava perto da Mayra, recolhia os gizes do chão e não saia de lá sem lhe dar um tapa na cabeça.

Joana compartilhava sua raiva. Convencia a todos que a Mayra merecia a morte e todos aceitavam. Estavam predispostos. O ser humano, no seu íntimo primitivo, sempre quer alguém pra odiar.

Caia chuva de giz na cabeça da Mayra, seguidos por pedaços de lápis, papel, borracha, tudo o que possa imaginar.

Ela não tentou resistir. A violência era compartilhada e era muito maior que ela. A violência organizava aquele espaço. Quem se aliava com a violência tinha lugar. Quem não se aliava, era massacrado.

Mayra apenas colocou a cabeça sobre os braços, fechou os olhos e fingiu que nada estava acontecendo. Fingiu que não existia. Em algum momento isso acabaria. Mas parecia uma eternidade. Ela não podia combater a ditadura da maioria. Não tinha tanta confiança e coragem.

O mundo adulto falhou com ela, irreversivelmente. Lá na frente, a professora só queria que o dia acabasse.

Mayra despertou quando ouviu, em choque, “lá fora a gente pega ela!” sob a aprovação de muitos. Precisava agir. Pegou o celular e digitou: “mãe, vem me buscar hoje, urgente, por favor”. Escrevia enquanto chorava, mas não deixava ninguém ver.

Quando bateu o sinal, Mayra saiu correndo, em um ato desesperado e louco. Os colegas gritavam ao fundo: “Amanhã você vai ver!!! Temos o ano inteiro ainda!!!”

A professora ficou na sala, respirando finalmente. Recolhia os pedaços de giz no chão. Enquanto reconstruía os pedaços de si; de outrora.

Avarildo e o Ouro

Na cidadezinha de Santa Pequena, todo mundo se conhecia. Só havia um mercado, um hospital, uma escolinha. Todos se gostavam, quasemente. Tinham vida simples. Trabalhando, crescendo, estudando, vivendo. Era muito comum ter festas, sem pra-quê. Quem precisa de motivo pra festa? Celebravam a vida e a vida se realiza todo dia. Todos apareciam.

Só não vinha o velho Avarildo. Ele não se importava muito com isso. Com "isso" digo "pessoas". Ele não se importava com nada que não fosse dinheiro. Dizia-se que era dono de muitas empresas e não precisava trabalhar, por isso passava o dia inteiro pra lá e pra cá e pra lá, de cara amarrada. Examinando as pedras, as árvores,

qualquer casa abandonada. Ultimamente, sua mania era ficar olhando apenas pra Montanha dos Prazeres. Uma montanhazinha, tão pequena quanto a cidade, mas que era de difícil subimento, ainda mais pra alguém da idade dele.

Apois, um dia, enquanto Avarildo estava contemplando a montanha, apareceu um jovem lá em cima, todo cheio de sorrisos.

– Desça já daí, menino! – gritou o velho, como se fosse dono da montanha.

– Calma, senhor. Já desço. Não sabia que era proibido ficar aqui em cima. – respondeu o jovem. – e não sou menino, já sou adulto.

– Adulto pra mim é maior de quarenta anos, não fique me respondendo.

O jovem desceu, dificultosamente, e veio em direção ao velho.

– O senhor sabe onde tem algum hotel pra dormir?

– Aqui não tem. – e ficou olhando pro jovem e pra montanha. De repente abriu um sorriso enorme, daqueles que aparecem os dentes. Até apareceria, se ele tivesse dentes. Dizem que foi o único sorriso da sua vida. – como é seu nome?

– Inocêncio.

– Meu jovem, você pode ficar na minha casa!

– Tudo bem, te pagarei quanto o senhor quiser.

– Quê isso! Não se preocupe. Vamos?

– Agora não, quero passear pela cidade. Me dê o endereço.

Tem cidades que não precisam de jornal. Em Santa Pequena, as notícias não demoravam mais de um dia pra cair nos ouvidos de todos. Mas essa notícia se alastrou em menos de duas horas, tamanha a estranheza. “Como assim? Alguém na casa do Avarildo?” “É filho dele?” “Ouvi dizer que é um desconhecido, e fica lá de graça”. Ninguém estava entendendo. O velho não gostava nem de ir na padaria pra não ter que interagir com as pessoas.

Enquanto Inocêncio passeava, ele se encontrou com Rosa, a vendedora de flores. Quase não conseguiu disfarçar o deslumbramento. Rosa não era tão bonita. Mas para Inocêncio era, pois o coração vê a beleza diferente, a beleza verdadeira. Seus olhos se encontraram, em um

segundo-eternidade. As almas respiraram juntas. Mas as palavras se esconderam, atrás da timidez.

– Aí está você! – Diz o velho Avarildo, que estava andando do outro lado da rua, quando viu o rapaz encabulado. – Preciso conversar contigo.

E foram andando juntos, enquanto Rosa ia acompanhando com os olhos.

– Vejo que conheceu Rosa, né? – disse o velho.

– Na verdade não, é Rosa o nome dela? – respondeu o jovem, ficando vermelho.

– Sim, Sim. Eu tenho um trabalho pra você. Preciso que você faça um caminho até o topo da montanha, um caminho que eu possa subir. Te dou um dinheirinho. E quem sabe também eu não te ajudo com a Rosa? Ela é uma grande amiga minha.

Que nada! Ele não tinha nenhum amigo além de seus cofres.

Inocêncio aceitou e começou já no dia seguinte. Amassava a terra, retirava as pedras do lugar, capinava o mato. Aos poucos ia se vendo o caminho. De vez em quando Rosa passava por lá e ele abaixava os olhos,

tímido, todo desconcentroso. Todo dia acordava cedo e ia até a montanha e nunca parava o trabalho.

Se passou um mês e a estradinha ficou pronta. O velho quis subir sozinho, com uma pá e um mapa. Chegando lá em cima, foi até um ponto e começou a cavar, até que achou uma tábua de ferro, levantou. Abaixo dela, tinha uma sala enorme e velha, cheia de ouro, que refletia ao sol. Avarildo, empolgado, pulou lá dentro sem pensar duas vezes. Ele começou a abraçar o ouro e dizer: “eu achei, eu achei o tesouro!” Ficou tão empolgado que nem percebeu que não conseguiria voltar, pois a saída era muito alta.

Inocêncio, percebendo que o velho estava demorando muito, resolveu subir. Quando viu que ele tinha caído no buraco, saiu correndo para pedir ajuda. A primeira pessoa que viu foi Rosa e a puxou pelo braço para ajudar.

Neste momento, a cidade inteira ouviu um barulho de desmoronamento. A sala do tesouro havia desabado. Todos correram pra ver. O velho que nadava no dinheiro estava afogado, de ouro e terra a mais de sete-palmos.

Depois de muito tempo, Inocêncio e Rosa perceberam que ainda estavam de mãos dadas. E ficaram de mãos dadas para sempre.

Corpus

“Esse texto eu escrevi
para falar uma coisa,
mas pode significar outra,
se vocês quiserem.”
(O autor, que está morto)

I

Nas terras de não-sei-onde, contam uma fábula, escrita por um velho maluco. Diz que um biólogo estava conduzindo seus experimentos no laboratório da universidade em que trabalha. Estava tratando do veneno de uma espécie de serpente, suas composições e seus efeitos. Fora avisado que havia um senhor desejando falar com ele. Mandou esperar.

Quando terminou os procedimentos, disse que o senhor podia entrar. Ao passar na porta, a figura do senhor chamou-lhe muito a atenção. Estava muito bem vestido, formalmente, com aqueles ternos caros, que se

compra pra mostrar aos outros. Identificou-se como embaixador nacional, e que tinha uma proposta irrecusável para o biólogo.

– Sim, pode falar. – disse o biólogo, com aquela curiosidade típica dos cientistas.

– Então, acabo de vir de um congresso internacional sobre a representatividade corporal. Lá foi decidido que todos os países devem ter um modelo corporal, algo que delimite qual o corpo de seus cidadãos. Alguns países, inclusive, já tinham feito esse processo. Agora, precisamos de um modelo de corpo para nossa nação.

O cientista colocou um monte de porquês, de pedras no caminho. Isso não é ciência. Vou virar piada. O que vai acontecer com quem estiver fora das categorias? Mas nada disso pareceu problema para o representante.

– O que controla o mundo não é a verdade, meu amigo, é o poder – disse – você não precisa se preocupar com isso. Daremos um jeito. O próprio presidente do país disse que apoiará essa iniciativa. Ainda mais porque uma mentira se torna verdade se for esfregada na face do povo insistentemente.

Em troca desse trabalho lhe foi prometido dinheiro, até a terceira geração.

II

César Augusto estava andando na rua. Pensava no que faria para jantar. Fazia tanto tempo que não comia o que queria. Só podia comer o que fazia bem para ele. Esse é o preço por querer ser modelo, pensou. Quem me dera um hambúrguer ou uma comida bem gordurosa. Tenho que parar de pensar nessas coisas, só tem salada em casa.

César Augusto não tinha do que reclamar, diriam alguns. É homem, branco, bonito, rico, descendente de portugueses, com alguns italianos aqui e ali, genealogia que vai dar lá nos romanos. Não nos romanos nobres ou eruditos, porque seria querer demais, mas nos romanos comuns, latinos vulgares. Ficou só o desejo de dominar o mundo, que herdou junto com o nome.

Ele andava na rua. Só deixou de andar quando foi agarrado pelas costas, e arrastado para dentro de um carro, com a boca violentamente tapada.

III

De volta para onde o biólogo se está. Agora, é um laboratório de fundo de quintal, num lugar que ninguém nunca passa. Está o ex-biólogo e César Augusto, metade acordado e a outra toda metade, dormindo.

O biólogo falava com alguém no celular. César ouvia só o que o biólogo falava. Mas, como eu que inventei, sei o que diziam os dois, assim:

– Já chegou aqui, senhor. – falava o biólogo, se referindo ao César.

– Ah, que bom.

– Pegaram qualquer um para ser o modelo? Ou tem um porque ser esse?

– Claro que tem motivo, ele é a imagem do sucesso, o que está por cima.

– Entendi. Senhor... tenho um problema para lhe falar.

– Diga.

– Eu já comecei o estudo, já escrevi algumas características. Mas daqui a algum tempo ele não vai ser

assim mais. O corpo muda. Muda tudo. O que eu escrever hoje não vai se aplicar ao mesmo corpo de amanhã.

– Compreendo.

– Além disso. Certas coisas não podem ser verificadas. Como vou lhe dizer o que tem no mais profundo? Não dá pra captar o interior do vivo, seu motor, se é que me entende. De todo jeito vai faltar alguma coisa.

– Não vai faltar, só existe o que você disser que existe. O corpo pode tornar-se imóvel, se isso for preciso.

Feito isso, ficou muito mais fácil. O cientista mandou congelar o homem, para sempre. Decompôs cada uma de suas partes, analisou, descreveu, escreveu, até onde quis.

IV

Foi publicado, então, o "Manual de Ortossoma", anonimamente.

Logo de início os cientistas fizeram um congresso para discuti-lo e, sem muito esforço, foi constatado que não passava de piada. Mas para o povo, era uma data histórica. Agora sabiam como um corpo deveria ser. A

mídia divulgou exaustivamente o livro, surgiram vários especialistas no assunto. Foram oferecidos cursos nas universidades. Se tornou uma disciplina obrigatória nas escolas. Por quê? Porque quem pode, pode.

Depois, os cientistas que desacreditavam o livro começaram a ter medo. Quem denunciava a falta de coerência, no dia seguinte perdia os diplomas. Saia na TV que os diplomas de muitos cientistas foram comprados. Besteira.

Os cirurgiões ficaram felizes com aquilo. O número de cirurgias triplicou com o lançamento do manual. Uns queriam ajustar a altura. Um metro e oitenta era perfeito. Tinham que arrumar isto. Mudavam também o rosto. Até teve um médico que tirava a melanina da pele de seus pacientes, não sei como. Eles saiam brancos do consultório. A única tinta de cabelo que se encontrava no cabeleireiro era da cor loira.

Os empresários também entraram na onda. Não poderiam mais ficar com pessoas de corpo todo-errado na empresa. Davam ordens ao pessoal da seleção, que só contratassem quem estava de acordo com o Manual. A seleção em concurso também adotou este critério.

Assim, os errados foram marginalizados, quem defendia que não era errado, mais ainda. Eles eram chamados de deturpadores, bárbaros, impróprios. Diz o velho louco que nesse lugar ainda é assim, quem sabe.”

Da Literatura

"O mesmo livro lemos e não lemos,
somos e não somos,"

Três jogadores de RPG estão reunidos em volta de uma mesa, com dados, mapas, papéis e mais papéis.

Walter – Todo mundo já chegou?
Paulo – Não, falta o Mathéos, que vai mestrar. Ele disse que traria um novo jogador.
Walter – Amigo dele?
Paulo – Acho que sim.
Walter – Você já fez seu personagem?
Adam – Sim, fiz um bandido, um fugitivo. Vou causar hoje.
Walter – Bem a sua cara, Adam. E você Aderbal?
Aderbal – Eu fiz, mas um bem simplesinho, só estou aqui para passar o tempo mesmo.
Walter – Não tá afim de jogar, cara?

Aderbal – Não, não é isso. Apenas não levo tão a sério, é só um passatempo, pra esquecer um pouco a vida.
Adam – Isso, fazer o que não pode ser feito na vida real. Hehehe.
Walter – Eu acho que o mais interessante é poder ser diferente do que realmente nós somos. Por isso sempre faço personagens diferentes.

Ouvem uma batida na porta, em seguida ela se abre. Entram Mathéos e uma menina.

Mathéos – Olá, povo. Essa é a Imanuela.
Todos – Olá

Ela dá um sorriso, entusiasmada.

Mathéos – Ela é amiga da minha namorada, do trabalho. Disse que gosta muito de jogar RPG, aí convidei pra jogar com a gente. Esses são: Adam, Aderbal e Walter.
Adam – Aderbal disse que era um cara que viria.
Aderbal – Achei que era, tanto faz.
Imanuela – Algum problema?

Walter – Claro que não, fique a vontade. Sente-se.

Walter falou com o sorriso nas orelhas.

Mathéos – Vamos começar? Quero ver os personagens. Bem... Desire: Bárbaro ; Raul: Mercador; Alter: Sacerdotisa... Você vai jogar de mulher, Walter?
Walter — Sim. Já sou homem muito tempo da minha vida.
Mathéos – Também tem a Manuela: Paladina. Por fim, eu, que serei Deus. Hahahahaha. Amo controlar tudo.
Adam – A mim você não controla. Tenho livre-arbítrio pra poder fazer tudo de errado. Hahá.
Mathéos – Eu vou começar. Prestem atenção:

Todos vocês estavam nas suas casas e foram sequestrados. Ninguém lembra quem os levou pra lá. Ninguém se conhece. Além de vocês quatro, tem mais um indivíduo. Vocês estão em uma caverna. Estão acorrentados, sentados em um banco de madeira de frente pra uma grande parede onde passam sombras de figuras, projetadas pela luz da saída da caverna, a uns

metros acima. Na grande parede está escrito: "essa é a realidade".

Adam... Ops quero dizer, Desire... Você começa:

Adam (Desire) – Eu começo a me debater e a forçar a corrente. Digo "Quebra, inferno."

Mathéos (Mestre) – Não consegue. Raul...

Aderbal (Raul) – Eu olho em volta em busca de uma chave ou algo assim.

Mathéos (Mestre) – Joga o dado.

Aderbal joga o dado de 20 lados e ele cai com o número 7 virado para cima.

Mathéos (Mestre) – Não viu nada de mais. Manuela...

Imanuela (Manuela) – Faço a mesma coisa, começo a observar.

E ela joga o dado. Dessa vez o dado cai no número 18.

Mathéos (Mestre) – Você vê duas caixinhas, embaixo do banco. Numa está escrito “dóxa” e na outra “epistéme”.
Imanuela (Manuela) – Eu abro a segunda.

Walter acena com a cabeça, apoiativo.

Mathéos (Mestre) – Você encontra uma chave pequena, cor de bronze.
Imanuela (Manuela) – Testo a chave no buraco da minha algema.
Mathéos (Mestre) – Ela encaixa perfeitamente e você consegue se soltar.
Imanuela (Manuela) – Eba!
Mathéos (Mestre) – Alter...
Walter (Alter) – Eu fico vendo ela se soltar e falo: “dá uma ajudinha aqui?”
Imanuela (Manuela) – “E por que eu deveria? Nem te conheço.”
Walter (Alter)– “E precisa conhecer pra ajudar? Só seus conhecidos precisam de ajuda no mundo?”
Imanuela (Manuela) – Eu abro as algemas dele.

Aderbal (Raul) e **Adam** (Desire) – “Abre a minha também”
Imanuela (Manuela) – Tá bom, eu liberto todo mundo.
Mathéos (Mestre) – Até o outro indivíduo?
Imanuela (Manuela) – Sim
Mathéos (Mestre) – Quando você chega perto dele, ele se contorce e diz: “Tire suas mãos de mim, essa algema é o que me protege dos estrangeiros. eles querem me tirar daqui, querem me tirar da realidade”
Imanuela (Manuela) – “Cruz credo”
Walter (Alter) – Que loucura, cara.
Mathéos (Mestre) – O que vocês vão fazer, agora que estão livres?
Walter (Alter) – Primeiro, vamos sair dessa caverna estranha. Depois vemos.

Todos dizem palavras de concordamento.

Mathéos (Mestre) – Quando vocês saem da caverna, se deparam com um vilarejo de muros de altitude assombrante, sobressolares. Vocês estão dentro do vilarejo e observam algumas casinhas e uma igreja, no centro, com

a torre apontando pra cima. Ao redor dela, muitas pessoas estão com a família, nas várias praças verdes e arborizadas. Todos parecem contentes e despreocupados.

O que fazem?

Aderbal (Raul) – Vou em direção à praça mais próxima pra falar com as pessoas.

Walter (Alter) – Vamos todos juntos, porque não confio nesse povo.

Adam (Desire)– Eu não, vou ficar procurando a saída desse lugar.

Imanuela (Manuela) – Vou com vocês.

Mathéos (Mestre) – Então vocês se aproximam das pessoas na praça, e elas olham vocês chegando e ficam com medo. Porque são pessoas normais, não possuem nenhum poder mágico.

Walter (Alter) – Eu digo: "olá, alguém pode me dizer onde estamos?"

Mathéos (Mestre) – As pessoas dizem: "não sabemos de nada, não sabemos de nada". Repetem essa frase hipnotizados e hipnotizantes. Todas as pessoas repetem e desrepetem. Vocês não conseguem falar com nenhuma alma na praça.

Walter (Alter) – Vou em direção à igreja.

Mathéos (Mestre) – Todos vão juntos?

Aderbal (Raul) e **Imanuela** (Manuela)– Sim

Mathéos (Mestre) – Ok. Já volto pra vocês. Desire... Você estava procurando pelas ruas da cidade, e acha um caminho que leva a um portão embaixo do muro. Esse portão está fechado e do lado do portão está um grupo de mais ou menos cinco guardas, sentados tomando cerveja. O que você faz?

Adam (Desire)– Eu caminho em direção ao portão.

Mathéos (Mestre) – Quando você se aproxima eles pegam as armas e ficam preparados para o combate.

Adam (Desire)– Eu digo: "Calma aí, meu! Eu só quero sair da cidade."

Mathéos (Mestre) – Eles dizem: "Pra sair daqui só com a permissão do comandante."

Adam (Desire)– Eu digo: "E onde eu consigo isso?"

Mathéos (Mestre) – "Com ele, oras." E apontam pra igreja.

Adam (Desire)– Me viro sem dizer nada e vou em direção à igreja.

Mathéos (Mestre) – Após uns minutos caminhando, você chega à porta da igreja e se depara com a seguinte cena: Todo seu grupo em semicírculo rodeando um homem vestido com roupas eclesiásticas, toda feita de ouro e preciosidades. Agora todos podem participar.

Adam (Desire)– Eu chego gritando. "Quem é o comandante nessa porcaria de cidade?"

Mathéos (Mestre) – Todos vocês param e ouvem os berros de Desire. O Homem luxivestido diz: "Sou eu. Sou o duque, comandante militar, padre e juiz dessa cidade. Muito prazer, Osvaldo."

Aderbal (Raul) – "Onde estamos?"

Mathéos (Mestre) – Ele diz: "estamos Ignorântia."

Adam (Desire)– "Me dê a autorização pra sair, logo."

Mathéos (Mestre) – "Acho que você deve um pouco mais de respeito a mim, não é, rapaz? Ninguém sai da minha cidade. Não tem porque sair, aqui tem tudo de bom". Aí ele tira debaixo da roupa um enorme saco com moedas de ouro. "Eu acho que podemos nos entender."

Adam (Desire)– "Por que você nos daria dinheiro?"

Mathéos (Mestre) – "Por que eu gosto de ver todo mundo feliz, hahaha."

Agora vocês precisam jogar um dado-de-vinte. Menos a Manuela e a Alter, porque não correm risco.

Todos pegam o dado e jogam. O resultado foi: Raul = 6, Alter = 18, Desire = 10.

Mathéos (Mestre) – Alter não cai no suborno. Desire também não, por pouco. Agora Raul, o senhor foi subornado pelo padre, a partir de agora vai fazer o que ele manda.
Aderbal (Raul) – Ok.
Mathéos (Mestre) – O que vocês fazem agora?
Imanuela (Manuela) – Eu digo: "Mas padre, o senhor, como autoridade religiosa, deveria prezar pelo bem, pelo que é correto."
Mathéos (Mestre) – ele diz: "Esses paladinos, acham que entendem da palavra de Deus mais do que a gente que foi escolhido por ele pra governar. Minha filha, o correto é a ordem."
Imanuela (Manuela) – "Quando a ordem é desse jeito o correto é a rebeldia. Pelo menos não encho a palavra de deus com meus interesses."

Mathéos (Mestre) – “Não vão sair! Além disso, precisam da chave do portão. E eu não vou dar.”

Walter (Alter) – “Só você tem a chave?”

Mathéos (Mestre) – “Não, tem algumas outras, mas eu tenho uma. De qualquer forma, cuide da sua vida.” Ele não conseguiu disfarçar uma olhadinha pra dentro da igreja, lá no fundo, na direção do altar.

Walter (Alter) – Digo “com licença” e vou em direção ao altar.

Aderbal (Raul) – Eu saio correndo e entro na frente da Manuela, impedindo-a de entrar.

Walter (Alter) – “Vai me obrigar a usar a violência contra você?”

Aderbal (Raul) – “Posso deixá-lo entrar, chefe?”

Mathéos (Mestre) – “Não, tire eles daqui.”

Aderbal (Raul) – Pego minha espada.

Imanuela (Manuela) – Eu saio correndo e passo por entre o Raul e o vão da porta.

Mathéos (Mestre) – Jogue o dado... Ok, conseguiu.

Imanuela (Manuela) – Vou em direção ao altar e observo.

Mathéos (Mestre) – Você vê um móvel, onde está uma bíblia com enfeites dourados, e várias estátuas de santos, entre elas uma do próprio padre, a maior de todas. Enquanto você olha o padre está entrando e indo na sua direção. Seja rápida.

Imanuela (Manuela) – Eu abro a bíblia

Mathéos (Mestre) – As folhas passam e você se depara com o livro de Marcos, onde, exatamente em cima do versículo 36 do capítulo 8, está uma chave de ferro. Essa hora o padre já está quase em cima de você. Ele não consegue correr muito por causa de suas idades, mas está diabolicamente furioso.

Imanuela (Manuela) – Eu vou correr dele, gritando "Vamos, estou com a chave"

Mathéos (Mestre) – Na porta ainda está o Raul. Com a espada na mão.

Aderbal (Raul) – Eu pego meu arco e começo a atirar flechas.

Imanuela (Manuela) – Existe algum vitral perto de mim?

Mathéos (Mestre) – Tem dois em cada lateral da igreja, que vão do teto quase ao chão.

Imanuela (Manuela) – Eu me jogo em um deles, para fora da igreja.

Mathéos (Mestre) – Jogue o dado... 12, bom... Você consegue passar para o lado de fora, mas ficou com um corte no braço e está sangrando.

Imanuela (Manuela) – Não tem problema.

Mathéos (Mestre) – E vocês, o que fazem?

Adam (Desire) – Enquanto tudo isso acontecia, eu estava voltando para o portão da cidade, com meu machado pronto pra acabar com os guardas.

Mathéos (Mestre) – E a senhorita, Alter?

Walter (Alter) – Vou socorrer a Manuela, lanço minha bênção para curá-la.

Adam (Desire) – lance o dado, minha querida. Hehe... Ok, conseguiu. A ferida, lentamente vai deixando de jorrar sangue e cicatriza.

Imanuela (Manuela) – Digo "Vamos para o portão!"

Walter (Alter) – Eu vou junto.

Aderbal (Raul) – Eu fico tentando acalmar o padre.

Mathéos (Mestre) – Todos vão em direção ao portão?

Imanuela (Manuela) – Sim, exceto o Raul.

Mathéos (Mestre) – Então vocês se encontram lá, enquanto Desire luta furiosamente com os guardas que estavam no portão. Dois deles estão caídos com ferimentos graves, e mais três deles atacam Desire com espadas plurirrodopiantes, mas não conseguem perfurar a armadura.

Imanuela (Manuela) – Eu grito "Parem com isso! Eu tenho a chave do portão!"

Adam (Desire) – Eu não paro. Falo: "Quero acabar com esses malditos!"

Mathéos (Mestre) – Jogue o dado, Desire.

Adam (Desire) – Ok. Pronto.

Mathéos (Mestre) – Você consegue derrotar todos eles, mas se vocês demorarem vão aparecer mais guardas.

Imanuela (Manuela) – Me aproximo do portão e coloco a chave.

Mathéos (Mestre) – O portão se abre em um corredorzinho de poucos metros. Do ladoposto existe outro portão, para fora, e perto dele um espelho, que reluz estranhamente naquele lugar escuro. É o Espelho de Narciso. Vão em direção ao outro portão?

Imanuela (Manuela), **Adam** (Desire) e **Walter** (Alter) – Sim

Mathéos (Mestre) – Quando passam perto do espelho, a luz que sai dele se intensifica e vocês se veem refletidos nele, cada um solitariamente. Joguem o dado, todos os três.

Todos jogam.

Mathéos (Mestre) – Alter e Manuela, vocês se livram. Desire, você é atraído para o espelho, para na frente dele e fica se contemplando, apaixonado pela sua própria beleza, num surto encantatório. Você senta no chão sem desgrudar a visão do espelho e nem percebe que está sentando em ossos.

Walter (Alter) – Eu tento acordar o Desire do encantamento.

Mathéos (Mestre) – Não consegue, ele já está perdido, não há o que fazer.

Imanuela (Manuela) – Eu tento abrir o segundo portão.

Mathéos (Mestre) – Ele se abre. Você se depara com um vasto campo florido, à frente do lado direito um rio. Do

portão segue um caminho que se divide por diversas veredas, para as profundidades do desconhecido.

Imanuela (Manuela) – Eu pego na mão da Alter, sorrio pra ela e vamos de mãos dadas, rumo ao infinito.

Mathéos (Mestre) – Uma paixão se apodera de vocês e se beijam.

Fim.

Nesse momento todos batem palmas, eufóricos. Menos Walter e Imanuela, que estão se beijando cinematograficamente, diante dos queixos-caídos.

O Rio

Conto-lhe um caso, acontecido, do interior do mundo. Quem visse de fora não via, pensava que via. Só eu que lá estava, no centro do enredo, sei do que aconteci.

Estive conflitando-me com minha esposa, por motivos que todo casado conhece, simplesmente um respirar fora do gosto do parceiro. Basta-nos isso. Amor é um abraçar-se de porcos espinhos, mais dói no apertar. Peguei minha vara e anzol nos fundos da casa e fui pescar no riozinho, quinze minutos depois do fim da estrada de terra.

Lá na beira do rio, cavei uma porção da terra em busca de minhocas, serezinhos à espera do sacrifício. Desgostava um pouco ao colocar a isca no anzol, passar a

lâmina fina por todo o corpo da pobrezinha. Mas o mundo me fez duro, a ponto de ver uma morte sem morrer. Como diz um sábio, suporta-se com muita calma a dor alheia.

Mirei no centro do rio e atirei a vara, linha, e anzol. Esperei. Pescar é a expressão máxima da paciência. Tentei me concentrar no rio, embora a voz da mulher estivesse falando e refalando. Tentava dar voz ao rio. Ele tentava me acalmar, mas me exigia atenção. O peixe perambulava no fundo, esperando a isca deixar de ser suspeita.

O rio se apresentava. Mas eu estava por demais mergulhado em mim para percebê-lo. Enquanto, penso, perco o mundo, me perco em mim. Respirava, respirava, cada vez mais pedindo pelo silêncio das vozes que me compõem. Assim, já fora de mim, percebi o rio. O rio estava parado, mas nas profundezas cozinhava seus mistérios. O peixe é o rio que se move, e eu o quero, o além do rio.

Fechei os olhos, eles não me deixavam ver o peixe. Os olhos só veem as águas da superfície. No fundo está o que eu quero, quero saber o que é, o ser. Os ouvidos sentiam as árvores balançadas pelo vento, águas balançando, aqui e ali e aqui. Minha respiração era o

movimento das águas, meu silêncio era o silêncio ensurdecedor das folhas. O rio é seu dentro e seu fora, seu todo. Eu, também, sou o rio. Eu também estou nadando, no fundo, desconfiado, em direção a uma minhoca morta, morta por mim e para mim. Morta no meu interior. Abocanho, vou levando, levando.

Puxei a vara. Num instante despertador, me recomponho do lado de cá. Minha mão segura a vara e do outro lado o peixe se debate, mas após uns minutos ele se acalma, me perdoando.

Agora eu, por inteiro, volto pra casa. Não sou mais quem brigou, o silêncio me redimiu. No jantar o peixe foi servido, o rio se fez carne e foi devorado pelos homens. Após a ceia, a alegria renasceu no violão e o mundo se abriu.

Sobre o autor

Felipe Lopes é formado em letras pela Universidade Camilo Castelo Branco (Unicastelo) e Filosofia na Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é mestrando em Educação, também na USP, e trabalha como professor de língua portuguesa na rede pública municipal de São Paulo.